

MISTER HOLLIDAY

UARLEN BECKER

Salvador

2003

Texto distribuído através do site www.oficinadeteatro.com - Para montagem ou uso comercial, entrar em contato com o autor ou detentor dos direitos autorais através do telefone (71) 3261-2037/ 8744-2321 ou pelo endereço uarlenbecker@gmail.com

MISTER HOLLIDAY

(Memórias de um *bon vivant*)

Comédia

Uarlen Becker

O primeiro andar de uma casa não muito antiga do centro de Salvador. Percebemos a decadência física do ambiente. Mister Holliday usa um roupão de banho e está de costas para o público, debruçado numa janela. Está discutindo com alguém. Fala e xinga sem parar, nervoso. Quando o público se acomoda, ele vira-se e começa a falar, como sendo uma só pessoa.

Mister Holliday – Porra, essa vizinha desgraçada que se mudou aí pra frente, rapaz... porra... eu tava nesse instante olhando pra ela... a mulher tá com calor e fica só de sutiã... isso quando não fica com os peitos do lado de fora... minha mãe fala, saia da janela, deixe de espiar a vida dos outros, eu digo minha mãe... se ela fica nua na frente da janela é porque ela quer, eu tenho o direito incontestado de ficar debruçado na janela de minha casa, né não? E o marido dela, é marido ou sei lá que porra é que come ela, se ele deixa é porque gosta, tem todo tipo de corno, né não?

Mas a mulher, eu gosto de mulher de peito escurinho e durinho, sabe como é, bicho... porra... mas ela bota cada tipo de música... eu sei o que é música brega, até gosto, mas esse tipo de música eu nunca ouvi em minha vida. Eu fico com a cabeça latejando, essa veia daqui parece que vai explodir. Só não explode porque eu já te disse, eu tomo dois AAS de adulto por dia, eu nem sinto nada, mas é pra prevenir o enfarto. Me arranje um conto aí, preu comprar um cigarro... cê tá mais fudido que eu, aliás eu tô mais fudido, que nem bolso tenho. Eu tô de roupão é só de onda, eu vou até tirar que tá um calor danado, eu fico mais à vontade, eu uso esse roupão pra lembrar da época que eu freqüentava as saunas, porra meu irmão, aquilo é que era.

Eu só gostava de sauna seca, nada de fumaça. Eu vou botar o roupão aqui para tomar um sol, o problema são os mosquitos, meu irmão, é cada boi que me pica... pica de picar, né pica de rola não... Rapaz, o bicho tá pegando... o Brasil melhorou muito... não chega até nós e não vai chegar tão cedo porque... você sabe

que eu sou filiado ao PT, não sabe. É... eu assinei a ata de fundação do PT, naquele tempo eles estavam recolhendo assinatura e eu fui lá e botei a minha. Rapaz, você pode viver trezentos anos e não vai viver o que eu vivi. Eu só bebia uísque importado, "bala 18", sabe o que é? Ballantines 18 anos, meu irmão, eu tinha bala na agulha, só de talão de cheque eu tinha seis, um de cada banco, tô dizendo... todo dia eu comia uma mulher diferente. Comi loira, preta, até preta eu comi, e dizem que eu sou racista, veja se eu fundei o movimento branco unificado? Comi morena, magra, gorda, honesta, casada... puta então nem se fala... você veio fazer o quê aqui mesmo? Ah, sim, peraí que a gente conversa, deixe eu te contar, mulher vivida, bocó, já frequentei todas as boates de Salvador. Hoje eu tô lenhado, sem um tostão no bolso é por causa disso ó. (*Faz um gesto que representa uma vagina.*) Pensei que o tempo nunca ia mudar que ia ter vinte anos sempre. Eu tô mais duro que pau de tarado! (*Caminha de um lado para outro, coça o saco e a cabeça.*) Rapaz, eu tava aqui pensando, eu detesto os Estados Unidos, eu queria que a aquela porra toda explodisse bicho, se alguém jogasse uma bomba atômica lá eu ia dar risada, a gente ia se fuder também, porque ia ficar todo mundo embucetado, mas eu ia dar risada, meu irmão, era eu me embucetando e rindo, rindo e me embucetando... A que ponto nós chegamos... nós que eu digo é o pessoal da minha geração.

Sim, você me perguntou sobre aquela nossa transação, você veio aqui pra isso, não foi? Negócio é o seguinte: você sabe que eu já tô há dez anos desempregado, já mandei mais de mil currículos e nada, ninguém me liga nem pra dizer ó meu irmão vá se fuder que aqui não tem vaga não. E eu não entendo nada de computador, no meu tempo era máquina, cartão, telex, hoje é essa confusão, o sistema caiu... que sistema é esse que vive caindo? No meu tempo a gente trocava a fita da máquina, porque hoje não troca o sistema? Então, eu desempregado, falta pouco pra eu me aposentar, quer dizer, pra eu me encostar, virar um pensionista do INSS. Aí você pergunta, como assim? Peraí. (*Corre a um canto e pega uma caixa com um monte de papel.*) Tudo isso aqui é documento, receita, pareceres médicos, laudos. Tudo isso comprova que eu não posso mais trabalhar, por problema de cabeça, não que eu seja maluco, mas por uma certa... como é que eu posso dizer, incapacidade mental, psicológica, emocional. Eu já tive vários pré enfartos, mas isso não aposenta, tenho prolapso da válvula mitral, também não aposenta, tenho síndrome das pernas inquietas, também não aposenta. Aqui ô, tomo uma porção de remédio controlado, nada disso aposenta. Boca seca, não aposenta, náuseas, não aposenta. Minha médica é uma psiquiatra do Estado, médica do INSS, já foi transação minha.

Já comi ela umas oito vezes, oito não, quatro vezes três é doze, né? Isso, comi umas doze vezes. A gente saiu pra beber, essas coisas, ela me disse rapaz, se você pagar quatro meses ao INSS, eu consigo te aposentar por incapacidade mental. Então escute, eu posso me aposentar mês que vem, só que não quero com salário mínimo que eu não sou otário, viver com um salário mínimo só se eu

gostasse de dar o toba, toba, não sabe o que é não? (*Faz um gesto que representa um cu.*) Cu, rapaz, eu chamo de toba. Então, se eu desse meu toba eu me aposentava com um salário mínimo todo mês, que eu ia tomar no toba todo dia três, e até rimei. Mas eu quero me aposentar com o máximo, com o teto, que é pouco mais de mil e quinhentos.

Pra isso, preciso pagar quatro meses referentes e mais de mil e quinhentos, que eu vou passar o resto de minha vida coçando os culhões e fudeu. Mas eu tô fudido, onde arranjar dinheiro pra pagar tudo isso? Então eu tô aguardando uma correspondência que é sobre uma restituição de minha mãe, da pensão dela. O governo vai pagar o que deve a ela, esse dinheiro eu pego, pago os quatro meses e pronto, me aposento. Ela vai deixar eu pegar o dinheiro porque vai ser benefício pra gente, só moramos nós dois aqui mesmo... Aí a gente vai viver muito bem, porque só com a aposentadoria dela não dá. Eu já combinei com ela: minha mãe, se eu consegui me aposentar, agente vai viver coçando o saco, digo, eu vou ficar coçando o saco, lógico, minha mãe não tem saco, pra coçar. Então vai chegar essa correspondência, toda ora eu olho lá pra porta lá embaixo pra ver se chega, quando ela chegar, eu saco o dinheiro, pago meus quatro meses ao INSS e vida mansa. Aí você pergunta: o que eu tenho a ver com a história? Eu que eu digo é você, você quer saber o que você tem a ver com essa história, entendeu. É como se eu estivesse aí sentado e perguntasse a você, que seria eu.

O que é que eu tenho a ver com essa história? Entendeu. Você vai lá comigo. É, você, rapaz, porque essa namorada que eu tô é bonita mas é burra, não sabe dez por cento de cem, é burra pra caralho, então eu vou tomar dois comprimidos de Diazepam, bebo dois goles de vodka, escovo os dentes e nós vamos fazer a perícia médica, eu vou até de chinelo, pra pensarem que sou maluco mesmo. Como eu vou ficar calminho, assim, parado (*Cai*). Isso, bicho, finjo que cair (*Mostra. Pausa*). Como é que é? Canastrão? E eu só lá ator, o ator aqui é você, rapa. Você me acompanha e diz ao médico que eu tô desempregado, que já não falo coisa com coisa, que vivo em depressão, que não consigo nem vender geladinho, quanto mais trabalhar, fudeu! Com esses documentos, o aval da médica, doutora Ine e os quatro meses que eu vou pagar fudeu.

Deixe eu ligar a televisão, rapaz, só passa porcaria. Eu te falei de remédio, não foi? Mas eu só tomo dois AAS por dia, pra evitar o enfarto, derrame, dois propalanol, por causa, você veja que eu nem tremo, é o propalanol que faz isso, os médicos usam pra fazer cirurgia, pra não tremer e um diazepam, pra dormir, não vivo sem esses remédios. Não tenho vício nenhum, só de cigarro e café. (Vai no fundo e grita.) Mãe, já tomou o remédio? Se eu não lembrar, ela não toma... ah, rapaz, você que trabalha em teatro, você me falou que ia fazer uma peça sobre um maluco que viveu os bons tempos da cidade. Rapa, eu me lembrei de tanta história pra te contar, bicho eu tenho tanta histórias dessa cidade.... peraí que eu vou fazer um telefonema.

Corre ao telefone, com um copo de café, se abaixa sobre os calcanhares.

Essa fulana que eu vou ligar eu nunca vi em minha vida, achei o número pelo catálogo, liguei pra ela um dia, dizendo que tinha sido engano, aproveitei pra dizer que ela tinha uma voz linda e pronto, entabulamos uma conversa e eu tô tentando comer. (*Dissimula a voz ao máximo, parecendo um locutor de rádio.*) Alô, boa tarde, Catarina se encontra? Catarina por favor. Quem ta falando..er...(*Passa a falar com sotaque*) Quem ta falando é o Carioca. Diz a ela que é o carioca, minha senhora. Não está? Caracas, muito obrigado pela gentileza, tenha uma boa tarde, caracas. Porra, que velha mais filha da puta, fica o tempo todo dizendo que a filha não tá em casa, vá tomar no sedem. Não sabe o que é sedem não? (*Faz um gesto que representa um cu.*) Cu, rapaz, eu tenho mania de dizer que cu é sedem. Quando eu falei com essa Catarina, eu disse que era juiz. Me fudi, se ela quiser se encontrar? Eu sem um puto no bolso, não vou poder comer ela aqui, quanto mais num hotel decente. A que ponto eu cheguei, rapaz, essa aposentadoria vai ser a salvação. Se esse dinheiro sair, eu vou imediatamente pagar os quatro meses ao INSS pra ter meu futuro garantido...

Sim, vamos aproveitar e conversar sobre a cidade, daqui a pouco minha mãe levanta pra ver a novela, tem cada novela chata, eu quero lá saber quem tá comendo quem! Então... Eu tinha a minha turma, cerca de cinco ou seis pessoas, a gente saía pra curtir... você sabe que eu trabalhei numa empresa chamada Ciquine, no Pólo, na Odebrecht, eu tinha cargos de chefia em contabilidade... você tá vendo essas putas que ficar aqui no centro da cidade? No meu tempo não era assim não rapaz, eu frequentava as melhores boites de Salvador. O quê? Quer saber as boites que eu ia? A melhor de todas: a Holliday, ficava ali na rua Chile, entre a Fundação Gregório de Matos e a VASP. Era apertadinha, tinha mulher pra burro... ah, falar desse tempo dá saudades... as mulheres todas de sapato alto, vestido comprido, não tinha essa de bulir com os clientes nem mulher drogada, fumando crack, cheias de tatuagens, as mulheres se respeitavam. A Holliday aparece naquele filme, Toda nudez será castigada, com aquela mulher que virou crente, Darlene Glória! Um detalhe, você ia lá, dançava, bebia, conversava, era ponto de encontro, boêmios, intelectuais, artistas, pessoas de família, as mulheres dançavam, serviam, você escolhia uma delas e nunca transava lá dentro, era sempre fora. Eu era cliente vip do Holliday, tanto que botaram um apelido em mim de Mister Holliday, veja que putaria, Mister Holliday. Os caras ainda hoje ligam e falam: Por favor, Mister Holliday. Eu digo, que putaria é essa meu irmão? Mas lá era muito bom, eu não saía de lá da Holliday. Foi lá que eu reencontrei a primeira mulher da minha vida. É rapaz, minha primeira relação foi com uma puta, mas não puta no sentido que tem hoje dia, uma mulher distinta. Foi minha mãe que me levou.

Isso, eu tinha uns quinze, dezesseis anos. Meu pai pirou. Mas que mulher, passei anos sonhando com ela, escrevi cartas e tudo mais, até que um dia a reencontrei no Holliday. Mas bicho, eu não tive coragem de falar com ela. Toda vez

que a encontrava eu corria em casa e pegava uma daquelas cartas e entregava a ela, e ficava de longe, só observando. Ela não lembrava de mim, claro. Tantos clientes, tantos anos depois, ela não lembrava, aí eu ficava só olhando, sem coragem de ir na mesa dela. Mas foram poucas vezes, nem deu tempo de mostrar todas as cartas, tá tudo aí comigo. O que? Você quer ler, porra meu irmão, coisa íntima. Tá bom, peraí. (*Vai lá dentro, volta com papéis*). Aqui ô, essa eu escrevi há uns quarenta anos atrás, logo depois da nossa primeira transa.

Mãe? O que foi mãe? Tá sentido alguma coisa, mãe? (*Volta ao palco em direção à mãe, termina a música*). Toma mais um remédio, mãe.

Rapaz, eu tô sem um tostão, noutro dia eu fui vender duas calças, que valiam no mínimo cinquenta reais o cara queria me dar três reais, eu disse vá tomar no seu toba... então, voltando aquele nosso assunto.

Aí, não falei, sempre no mesmo horário a vizinha bota essas músicas, sorte que a janela tá fechada e ela botou baixo, quando ela aumenta minha cabeça parece que vai explodir. Então, além da Holliday, tinha também o Number One, que ficava na Carlos Gomes, onde hoje é o fundo da C&A, hoje é um estacionamento. Foi lá que eu aprendi o esquema da cabeça fria. Sabe o que é não? Tinha uma menina que eu queria comer, eu encabulei uma conversa, e tal, e levei ela para um hotel. Mas ela só calada, eu disse: você não fala não minha filha. Foi aí que eu descobri que ela era fanha. Ela era fanha e ainda falava assim: ah, assim, com a mão bem sonhadora. Aí ela disse: ah, eu acho que hoje não vai dar para agente fazer muita coisa. Eu que já tava me embucetando disso, não vai dar, por que? Ela disse: ah, é que eu to aqueles dias. Eu já nervoso disse: naqueles dias. Minha filha, você tá de boi, tá menstruada. Ela disse: ah, é isso eu to menstruada. Tá bom, minha filha, o que é que você pode fazer por mim? Ela respondeu, ah... ela falava assim, cheia de dengo, ah... a boca não é só pra falar não... aí eu estranhei que ela pegou um drops, uma pastilha Garoto, botou três na boca, eu disse, que diabo é isso? Você quer que meu pau fique com gosto de hortelã, é? Ela falou ah... não... eu aprendi um truque novo, se chama cabeça fria.

Rapaz, quando a mulher botou a boca cheia de pastilha Garoto... não demorou quinze segundos e eu gozei. Eu pensei porra, se mulher fria fosse fria desse jeito... nenhum homem casa trairia sua mulher. Ah, tinha o Anjo Azul, na rua Do Cabeça, onde hoje é um restaurante chinês. Um detalhe, lá ia muita gente do seu meio, do meio artístico, pessoas cultas, a maioria homossexual, uma boate muito boa. Foi lá que eu vi pela primeira vez dois homens se beijando, foi uma coisa rápida. Nunca mais eu voltei lá. Por quê? Rapaz, eu tinha visto uma mulher bonita... aquilo que era mulher. Mulherão! Ela acenou pra mim, me chamou num canto, tava bem escuro naquele dia, a gente começou a se beijar... quando eu passo a mão... uma rola. Rola não... um cacetão imenso, eu dei um pulo pra trás, quase que me embucetava por cima da mesa dos outros, todo mundo rindo de minha cara, até hoje a turma faz gozação... Claro, velho, era um travesti e eu não tinha percebido. Aliás ninguém ia perceber, a não ser por aquele pequeno detalhe,

pequeno não... tinha o Varandá, que ficava no Pau da Bandeira, oitenta por cento era homo, principalmente estrangeiros, turistas, eram todos muito bem recebidos. O dono era Sandoval Rosa, esse Sandoval Rosa era caso de Maria da Vovó, que era dona de um brega daqui da cidade, o Sandoval só pegava mulher que desse o toba, ele só gastava de comer toba. Tem até uma música que foi o primeiro sucesso daquela cantora... Fafá de Belém. Chama-se "Filho da Bahia"! (*Canta um trecho da canção.*) Peraí que vou te mostrar uma coisa. (Fora de cena.) Sim, rapaz, tinha também a boate Close-up, na Barra, em frente ao Barravento, aquele restaurante, mas era freqüentada por patricinhas e mauricinhos, era boate de elite, sabe como é? Mulher tipo essa minha namorada. Veja que ela é toda estranha, bicho, não gosta de dar o toba, não bota na boca, não diz pica nem pau, é pênis e vagina, venha, agora bote seu pênis na minha vagina, imagine eu, a essa altura do campeonato, comendo uma vagina, que aliás é um nome feio pra porra... ela só toma remédio natural, não toma comprimido não, é cheia de frescura, noutro dia eu dei um soco nela por isso, depois me arrependi, chorei, foi uma merda, toda vez que eu bato numa mulher eu me arrependo e choro. E elas sempre me perdoam.

Mas imagine, eu, nessa altura do campeonato, introduzindo meu pênis em uma vagina, como em latim. Aliás você tem cara que gosta de comer uma vagina, né não, comedor de vagina. Um dia eu vou ligar para sua casa e te perturbar. Diga aí, comedor de vagina. Isso de você atender, se for a sua digníssima mãe, eu digo, por favor, posso falar com o filho da senhora, aí quando você atender eu grito: diga aí comedor de vagina? Que putaria, né? (*Aparece vestindo uma fantasia de carnaval de sua época.*) E aí, gostou? (*Rindo.*) Hoje eu não saía com uma porra dessa nem a pau! Ainda acho bonito, isso que era fantasia, hoje é apenas uma camisa vagabunda, tão vagabunda que fazem campanha pra doar aos miseráveis, se prestasse ninguém doava, veja a que ponto chegamos!

Rapaz, o carnaval era uma maravilha! Tinha um bloco que praticamente abria o carnaval, saía daquela igreja da Barroquinha, que pegou fogo. Rapaz, no dia que essa igreja pegou fogo, eu quase me embucetei todo, eu tava comendo uma mulher aqui em casa, minha mãe apareceu aqui no quarto, eu disse: minha mãe, o que a senhora ta fazendo aqui? Sai pra lá, minha mãe. Depois desse dia, nunca mais comi uma mulher aqui. Pois o bloco saía da igreja da Barroquinha e descia pra Baixa do Sapateiro, subia a Ladeira da Praça, no Corpo de Bombeiros, ia até a Praça da Sé, que ainda era terminal de ônibus e descia pela rua Chile. Os principais blocos era o Coruja, meu bloco de coração. Um detalhe: só saía branco e rico. Preto nem em sonho, e os Internacionais, que também só saía branco.

Tinha um bloco chamado Os Lordes, que podia sair negro, mas nos três era gente de classe, diziam que era racismo. Hoje já deixam sair negro, agora tem até o contrário, tem bloco que só sai negro, branco não pode. Aí não é racismo, é tradição. Mas depois a gente conversa sobre esse negócio, é como eu digo, se eu fundasse o MBU, Movimento Branco Unificado, me matavam no mesmo dia.

Mas voltando, rapaz, o que se comia de mulher no carnaval não era brincadeira, e o óbvio, sine Qua non, o que as mulheres comiam de homem, quem come, é o homem ou a mulher?

Rapaz... (*Corre pra vez alguma coisa.*) ouviu um barulho? Não? Pensei que fosse o carteiro, cheguei suar frio, se essa carta chegar eu vou hoje mesmo no banco sacar o dinheiro. Por falar em carteiro, eu não gostei daquele filme O Carteiro e o Poeta. Bicho, a cidade era uma maravilha, era bem iluminada, era a cidade-luz do nordeste brasileiro!

Eu esqueci de outra boate, a Pigalle, coisa de elite, show erótico e tudo, ficava na rua Ruy Barbosa. Foi lá que aquele filho da puta do Penalvo passou a mão em minha bunda, dizendo que foi sem querer. Dei uma de esquerda no queixo dele... a sorte é que ele só andava armado, sorte dele, né? Eu cheio do pau, bêbado como a porra, ele puxou a arma e disse agora tente levantar e me dar outro soco, tente. Cadê o homem? Quem é besta? Eu me ajoelhei gritando não pelo amor de Deus, não atire... pode passar a mão quantas vezes você quiser, eu mesmo seguro a sua mão e passo na minha bunda... Nisso abre um roda e quem aparece? Minha mãe, de camisola transparente, isso já era quase quatro horas da manhã, algum filho da puta tinha ido chamar ela, eu digo: mas minha mãe, o que a senhora ta fazendo aqui, se cubra minha mãe.

E ela desesperada pedindo que pelo amor de Deus, não mate meu filho... Aquele filho da puta disse que não ia matar porque era ela quem tava pedindo. Desgraçado. Todo mundo já tinha ouvido eu dizer que deixava ele passar a mão em meu traseiro. Se eu soubesse, morria sem dizer isso. Nenhuma dessas boites se transava lá dentro, você pegava a mulher, pagava e transava em outro lugar. Peraí que eu vou tomar meu remédio. (*Pega outra caixa, retira um envelope e toma três comprimidos.*) Esse é pra pressão alta.

Ah, tem uma coisa que eu quero te dizer, eu te falei das boites, não foi? Agora vou te contar dos bregas! Peraí, deixe eu ver o que tá passando na televisão, eu queria ver se passa alguma notícia do futebol... aí, nada que preste.

Rapaz, eu fico puto da vida quando vejo alguém torcendo pra time de Rio e S. Paulo, lá ninguém torce pra time daqui da Bahia. Pena que meu time de coração acabou, o Ipiranga... Sim, falando em brega, um que eu ia muito era o Simara, na rua Da Ajuda, eram as mulheres mais elegantes, era bem frequentado, existe até hoje, não com o nome Simara, que ela morreu. As meninas mandavam fazer vestidos compridos lindíssimos. Muitos políticos iam lá que eu cansei de ver. Políticos e pessoas importantes, radialistas, jornalistas, intelectuais... juizes! Jogadores de futebol! Tinha o brega 63, na Ladeira da Montanha, onde Janis Joplin foi uma vez, aquela mulher era maluca!, o brega era gerenciado por China, o primeiro homem na Bahia a se declarar viado, ele chegou na frente de todo mundo

e gritou: eu sou viado, e daí? Ninguém disse nada, ficou todo mundo calada, um cara altão, forte como a porra... uma vez ele me agarrou e me deu um beijo, eu disse sai pra lá, China, tá pensando que eu sou viado é? Que só um beijinho o quê, rapaz, se você fizer isso de novo, eu boto você pra se embucetar ladeira abaixo viu? Um detalhe, nos outros bregas tinha banheiro, mas no 63 as mulheres... eu tava ouvindo aquele barulho, chep, chep, chep... venha cá, China, que porra de barulho é esse? Ele: ah, meu bem, são as meninas se lavando, aqui elas só se lavam em bacia, se abaixam e... Vocês todos aqui chupam pica por correspondência. Um poeta famoso que eu vi no 63 era aquele Wally Salomão, que foi presidente da Fundação Gregório de Mattos. Mas tinha muitas autoridades por lá. Outro dia eu tava no 63 e vi o China desesperado, é que ia chegar uma autoridade e o travesti que fazia o show não veio. Ah, China tava se embucetando todo. Ele chegou para mim e disse: ah, Mister Holliday, você frequenta aqui toda noite, já sabe essa imitação dessa cantora famosa de cor e salteado, por que vc não quebra esse galho. Eu disse, colé China, botar peruca e vestido, não, meu irmão. Aí ele insistiu, e ainda disse: Se você cantar, eu te dou a mulher que você quiser e bebida grátis por um ano, eu disse: eu topo, já tô aquecendo a garganta. (*Imita uma cantora*)

Tinha o 73, também na Montanha, mas era muito baixo-nível, frequentado por trabalhadores braçais, gente mais humilde. Um dia eu levei seu Miguel lá. Seu Miguel é aquele velhinho engraçado, corcundinha, é encanador de primeira, hoje não aguenta mais nada. Eu disse seu Miguel, chegamos. Ele meu filho, o que é que eu vou fazer aqui? Meu irmão... veio uma menina novinha, devia Ter uns dezesseis anos. Seu Miguel agarrou a menina. E eu fiquei olhando. Bicho eu nunca tinha visto uma coisa daquela, um velhinho pé-de-mesa dando três de pau dentro a menina gritando chega, já chega que eu não aguento mais e ele dizendo mas eu aguento, mas eu aguento minha filha, ainda chamou a menina de minha filha!

Ah, rapaz, mas o Damasco, no Comércio, existe até hoje, sempre foi um bar frequentado por putas, o primeiro andar era frequentado por marinheiros, que trocavam de roupa, tiravam a farda pra virar civil. Era conhecido como o brega dos marinheiros. Lá as meninas só faziam sexo selvagem, os caras chegavam doidos, cada barbado desse tamanho, parecendo uma porta de igreja, eram mulheres que aguentavam pesado. E muitas tomavam ó: no toba! Mas todo mundo usava xilocaína pra anestesiá, que ninguém é otário! Do lado tinha uma escadinha que dava pro 63.

Rapaz aquilo era que era vida, vida de verdade. Nos bregas se vivia intensamente, só tinha gente altamente intelectualizada: jornalistas, radialistas, intelectuais, poetas. Não tinha nada melhor que, no final da noite ir para o brega e ficar até amanhecer. Ficam falando do brega, brega é a nossa tevê, hoje em dia; brega é que fizeram com a nossa música; brega é o que se vê nas ruas, não se tem mais respeito. Rapaz noutro dia eu fui mijar numa rua e um policial veio me parar,

eu dei um soco no filho da puta. Se ele me pegou? Eu só vi ele cair, dei no pé, meu irmão, ia esperar a galinha pulando, eu sou otário? Mas o toba era isso ó (*Gestual de cu bem apertado.*) Não passava nada, nem com vaselina, esses policiais gordos, com o barrigão, que não conseguem correr atrás de bola, quanto mais de bandido, não eu seja bandido, mas tudo é a maneira como você chega, ele veio já me agredindo, eu tava apertado... antigamente se dizia isso: não quer nada na vida, vai ser policial. Aliás, no regime militar era tudo bem diferente, você podia sair na rua com seu relógio, com sua corrente, de bolsa, não tinha assalto... Ter tinha, mas era muito pouco, existia uma coisa que falta hoje em dia: respeito ao próximo! A polícia era a Mista, sabe o que era a mista?

A polícia do Exército, Marinha e Aeronáutica, sabe o que eles usavam? A fanta, um porrete deste tamanho, batiam indiscriminadamente, principalmente se o indivíduo fosse de cor. Eu ficava intrigado que quem batia também era negro! Isso é até hoje. Outro dia até pegaram um colega de vocês, do teatro, não foi? O cara no carnaval e a polícia vai e dar porrada, gratuita. Um absurdo, é preto eles tão dando porrada. Isso sempre foi assim. A polícia entrava num brega parava tudo, a música, a conversa..., ninguém podia usar vermelho, nem uma rosa na lapela do paletó, para não ser confundido com comunista. Mas o policiamento era ostensivo, 24 horas. Dez da noite era o toque de recolher, tinha alto-falantes pela cidade, a partir das 10, qualquer pessoa era suspeita. Jornalista e o pessoal da sua profissão eram bastante perseguidos. Eu não, sempre trabalhei com contabilidade. Ah, naquela época teve uma campanha de doar ouro pro Brasil, eu até tenho um anel de minha mãe, ela doou uma corrente de ouro e ganhou um anelzinho escrito "Doe ouro para o Brasil". Fosse hoje eu dizia ah meu irmão, o Brasil que tem de doar ouro pra mim

Aqui tinha uma sauna famosa, chamava-se Special Relax, na rua Baependi, em Ondina, tinha até placa e alvará, era um lugar de elite. Se transava lá dentro mesmo, a transa era cobrada por hora. Aceitavam cheque ou cartão. Eu detesto sauna a vapor, prefiro a seco. Foi numa dessas a vapor que eu entrei. Sentei, entraram duas meninas, acenei pra uma, não tava enxergando muito bem, ela era meio barrigudinha. Aí eu sorri pra ela, ela sorriu pra mim, quando eu me aproximei, que fui pegar nos peitos dela, era um homem. Desses caras que tem os peitos parecendo peito de mulher. Não, eu não falei nada, gostei o quê, rapaz, o cara era juiz, eu ia criar problema? Fiquei na minha, disse que meu pau não ia subir, ele disse mas o meu já subiu, eu arregalei os olhos e disse porra, tô me cagando e saí correndo. Ah meu irmão, foi a única desculpa que veio na hora... Outra sauna era a Mina Sauna, as meninas andavam semi-nuas, de calcinha Corisco, sabe o que é Corisco? Só cobre o cu e o risco, e elas todas de sapato alto, as mulheres fodiam e moravam lá. Vale a pena lembrar que todas as mulheres eram brancas, negras nem pensar.

Mas resumindo... bicho... Salvador era outra cidade, boêmia, muito iluminada, segura, limpa... Porra, bicho, eu raspei o bigode sem querer, detesto quando isso acontece, que eu fico com essa cara de buceta mal comida da porra... noutro dia eu fui ver um cabaré aqui na cidade, pensando que era um cabaré mesmo como antigamente, mas não, era um cabaré de teatro, da sua profissão, cheguei lá tava tendo uma peça, um barzinho e um ator falando uma porção de besteira eu disse porra... me fudi... o cara de cueca, com a pernas finas, eu disse que porra é essa? Peraí que eu vou tomar um Tylenol, é que eu tô me recuperando de uma dengue, porra bicho essa doença é uma desgraça, parecia que eu tinha tomado uma surra, esse remédio é um vaso-constritor, mulher varizenta não pode tomar, prejudica a circulação. Noutro dia eu fui tomar um remédio de um amigo meu, que teve um derrame cerebral e quase embarquei, vi um monte de luz vermelha piscando eu disse pronto, vou me encontrar com o Diabo, sim, porque com Deus não seria. Também eu tava bebendo, já tinha tomando umas sete cervejas. Ainda tem mais um aí, amanhã acho que eu vou tomar sem beber, pra ver o que acontece.

Já vai? Então tchau, olha, amanhã eu ligo pra sua casa, pra gente marcar pra resolver aquela transação. O dinheiro saindo, no primeiro mês eu te dou uns duzentos reais, que eu sei que você tá fudido. Porra bicho, você tá pior que eu. Vai andando, é? Porra oito anos de teatro e você vai andando? Tá bom meu filho, tchau, vá pela sombra. Tchau. Se encontrar o filho da puta do carteiro, diga que eu to agoniado esperando ele. (senta, uma pausa, em silêncio) Ah que ponto eu cheguei. Falando sozinho por uma hora. Preciso inventar alguém para conversar, que porra. (*Toca a campainha, ele vai até a porta.*) Uma carta... do banco... tomara que digam que o dinheiro já tá na conta. (*Abre o envelope e lê*)

Voz em off – A importância referente à restituição da pensionista encontra-se depositada em conta do titular. Total líquido: dois mil e cem reais.

Mister Holliday: Porra, essa gravação parece coisa de novela, todo mundo ficou sabendo quanto a gente vai receber, hoje em dia ninguém mais tem privacidade. Só faltava ter uma câmera aqui. Porra, tô feito! (*Um tempo.*) Nunca mais eu tomei uma cerveja... (*Corre ao telefone e disca. Fala com voz de locutor.*) Alô, gostaria de falar com Catarina. Sim Catarina. Diga a ela que é o...er...o gaúcho (*Com sotaque*) Oi, Catarina? Oi meu bem, é o juiz! Nos conhecemos no telefone, eu liguei pra sua casa por engano. Melhor agora. Sim, sou juiz da terceira vara (*Passa a mão na genitália*). Sim, na terceira vara da infância e juventude. Então, meu convite ainda está de pé? Que bom, você aceita pra hoje? Tudo bem, eu te pego aí na porta de sua casa às oito. Vamos sair de táxi, porque um carro eu emprestei a meu cunhado e o outro eu dei de presente a meu sobrinho Gabriel. Tudo bem, antes de eu sair de casa eu te ligo pra pegar o endereço. A gente se encontra e a noite é nossa! Até mais, outro! (*Desliga.*)

Porra... nunca mais eu andei de táxi, nunca mais eu tomei um uísque do bom, nunca mais entrei num hotel de primeira. O problema é que esse era o dinheiro da aposentadoria. Quer saber de uma coisa? Eu tenho lá dentro um monte de disco de Benito de Paula, depois eu vendo tudo e pago ao INSS. Tudo resolvido, troco de roupa, tomo um cafezinho, fumo um cigarro, boto um Gardenal e um Aldol debaixo da língua e caio na gandaia. Porra, a gente tem mais é curtir essa vida. (*Ao público.*) Né não?

FIM